

XIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA FEUSP

Os Outros, os Mesmos

A ALTERIDADE NO MUNDO ANTIGO

ALESSANDRA CARBONERO LIMA
MARCOS SIDNEI PAGOTTO-EUZEPIO
ROGÉRIO DE ALMEIDA
(orgs.)

XIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA FEUSP

Os Outros, os Mesmos

A ALTERIDADE NO MUNDO ANTIGO



COLEÇÃO GALATEA

DOI: 10.11606/9788560944859

·FEUSP

SÃO PAULO, SP
2018

O mestre que impede, o discípulo que insiste¹

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio²

Na tentativa de lidar com a relação mestre-discípulo, tomemos duas figuras, ou antes duas imagens, ou quadros. Ambas encontramos nesse grande conjunto de estórias e anedotas sobre os sábios e filósofos da Antiguidade que são as *Vidas dos Filósofos Ilustres*, de Diógenes Laércio, obra de leitura tão agradável quanto perigosa, em tempos de rigores metodológicos, para o estudo do pensamento dos homens – e das mulheres! – que retrata, dado seu caráter exageradamente compósito, heterogêneo, em que ideias, fatos, opiniões e descrições se misturam a todo momento; uma miscelânea contínua, e ainda assim deliciosa, típica da época em que o livro foi escrito, por volta do século III d.C., em algum lugar entre Roma e a atual Turquia. Para nossos fins, esse caráter, digamos, pouco criterioso do texto de Diógenes Laércio é o que mais nos interessa, porque seguimos aqui a lição de Nietzsche, quando diz, em suas *Considerações Extemporâneas*, preferir Diógenes Laércio a qualquer outro:

Quem, por exemplo, salvará a história da filosofia grega do vapor soporífero que os trabalhos eruditos, mas não muito científicos e infelizmente muito fastidiosos, de Ritter, Brandis e Zeller espalharam sobre ela? Eu, pelo menos, prefiro ler Diógenes Laércio do que Zeller, porque naquele, pelo menos, o espírito dos filósofos antigos está vivo, mas neste, nem esse nem qualquer outro espírito.³

1. Apresentado na mesa temática “O Mestre e o Discípulo”, durante a *XIII Semana de Estudos Clássicos da FEUSP*, em 25 de abril de 2016.

2. Professor da FEUSP.

3. Nietzsche. *Considerações Extemporâneas*, 1978, p. 81.

Apoiados em tão boa indicação e referência, tomemos, então, as duas imagens de Diógenes Laércio.

A primeira nos mostra o encontro de um discípulo (que não sabe ainda que será um discípulo) com seu mestre. A cena está no segundo livro das *Vidas*. Um jovem ateniense caminha pela cidade:

Xenofonte era filho de Grilo, ateniense, do demo de Érquia; modesto e muito bonito. Conta-se que ele andava em uma via estreita e Sócrates estendeu seu bastão e o impediu de seguir.

“– Aprendeste onde se vende mantimentos de todo tipo?” [perguntou Sócrates]

[Xenofonte] respondeu de volta que aprendera.

“– E onde é que os homens se tornam excelentes?” [perguntou Sócrates]

[Xenofonte] ficou perplexo.

“– Segue-me, então, disse [Sócrates], e aprende.”

(D. L. II, 6, 48).

Xenofonte, personagem que temos dificuldade em classificar, autor de um manual de caça e de livros de História; de uma descrição da educação de Ciro, rei da Pérsia, para servir de modelo aos gregos, e também das *Memoráveis*, ou lembranças de Sócrates, nasce como discípulo de maneira abrupta e inesperada. De repente.

Tentemos olhar com mais cuidado o cenário, a imagem toda. Há uma via estreita, lugar sempre perigoso pelo risco de se ter bloqueado o caminho ou a fuga. Quem o bloqueia no entanto não é um criminoso, não é um ladrão (ou talvez o seja: Sócrates encanta os que dele se aproximam a ponto de esquecerem-se de si mesmos, ressalta o Alcibiades do *Banquete* platônico, reclamando dessa “usurpação de si” causada por Sócrates).⁴ A imagem do caminho estreito como sinal da rota para virtude nós vamos encontrar, curiosamente, nas *Memoráveis* do próprio Xenofonte, quando o sofista Pródico coloca o herói Hércules diante da escolha entre dois caminhos, um largo e o outro estreito: um, levando para a

4. Ver o elogio de Alcibiades a Sócrates, no *Banquete*, 215a e seguintes.

vida de vícios e prazeres, mas seguida da infelicidade, outro, levando para a virtude de ser dono de si mesmo, a *enkrateia* tão cara à vertente antistênica ou cínica do socratismo.⁵ O caminho estreito que Xenofonte seguia ao deparar-se com Sócrates, se pudermos pensar assim, era já o caminho difícil ou arriscado do encontro consigo mesmo, que tem no encontro com o mestre, que o impede de prosseguir, uma exigência. Impedimento que é duplo: o bastão impede que Xenofonte continue a desapercibida caminhada, e seu corpo para. Mas há também um impedimento do pensamento, que muito provavelmente seguia no mesmo compasso descompromissado com que iam as pernas de Xenofonte. E o que bloqueia o pensamento de Xenofonte e o obriga a voltar-se sobre si mesmo é um, digamos, *bastão mental*, um entrave para o intelecto. Propõe Sócrates um enigma, fantasiado da banalidade comum a tantas das perguntas que fazia. A primeira pergunta, trivial, sobre o lugar em que se vendem os mantimentos, é respondida com a certeza dos ingênuos. Mas a segunda, a que deseja saber onde ou como tornam-se os homens excelentes (*kaloí kagathoi*), essa pergunta Xenofonte não sabe responder, sobre isso ele nada aprendeu. Talvez não tenha jamais se ocupado em perguntar sobre como se chega a ser um homem excelente. Perceber que não se sabe é o início da sabedoria, tal como vemos aqui e tantas outras vezes ao tratarmos da ação de Sócrates, mestre cujo melhor ensinamento é o que nos faz perceber o quanto somos ignorantes. Desde então, Xenofonte passa a seguir Sócrates, este que bloqueia duplamente seu caminho, cria um impedimento que não se pode disfarçar e obriga um desvio da rota. Essa imagem, esse encontro muda a vida de Xenofonte para sempre e é muito bem retratado em um parágrafo do belo livro de Georges Gusdorf, *Professores para quê?*⁶ Aqui, convém falarmos de dois aspectos importantes dessa imagem: a primeira, que Sócrates não parou *qualquer um* na via estreita, mas sim Xenofonte. E isso não apenas pelo óbvio motivo que é de Xenofonte que trata a estória, mas porque Sócrates percebeu ou soube que Xenofonte estava pronto. “Quando o discípulo está pronto” – diz o ditado –

5. Xenofonte. *Memoráveis*, I, 21.

6. Gusdorf. *Professores, para quê?*, 1970, p. 95-96 (de onde tiramos a ideia para esta palestra, que ao final deve muito, ou quase tudo, ao livro de Gusdorf).

“o mestre aparece”. No caso, o mestre estava também pronto para o momento necessário, para a oportunidade decisiva. O segundo aspecto, talvez o mais importante, é o seguinte: Sócrates bloqueia, impede, coloca Xenofonte em *aporia*, modifica seu caminho, mas o faz assumindo, explicitamente, na descrição que nos dá Diógenes Laércio, um saber, um conhecimento: “Segue-me, então, e aprende.” Ora, a afirmação direta dada por Sócrates se opõe a toda a visão que dele temos, vinda, especialmente, da tradição platônica: “Só sei que nada sei” ou “nunca fui mestre de ninguém”.⁷ Esse mestre que o é por se negar a sê-lo, esse Sócrates dos manuais com o qual nos acostumamos, desaparece aqui: “Segue-me e aprende”, ele nos diz, ele diz para Xenofonte. Xenofonte o segue, para tentar aprender a resposta sobre a virtude humana, e escreve as *Memoráveis* e a *Apologia* de Sócrates, para mostrar o quanto seu mestre era mestre desse saber. A descrição de um Sócrates que se atribui um conhecimento, que bloqueia o caminho de um discípulo para mudar-lhe a vida baseando-se em uma sabedoria que detém, esse Sócrates pode nos desanimar e desinteressar um pouco, porque nos habituamos à figura do filósofo etimologicamente impedido de ser sábio ou mestre (o filósofo, por definição, não é *sophos*, mas alguém que busca a *sophia*). Há qualquer coisa de desconfortável nessa imagem socrática, cheia de confiança no saber que é capaz de apresentar ao discípulo recém encontrado. Um desconforto ignorado dos sofistas do tempo de Sócrates, que diziam, sim, serem sábios e ensinar para a virtude. Devíamos, porém, nós, que somos professores, aproximarmos-nos com mais interesse dessa imagem de um Sócrates à moda dos sofistas, porque, afinal, nossa atividade profissional assim o exige. Sendo professores, algo portanto *professamos*, apresentamos e garantimos diante de nossos alunos – essa versão esmaecida dos discípulos dos antigos mestres. Querendo ou não, diante deles, estamos sempre a dizer “siga-me e aprenda” por exigência formal, ainda que quiséssemos, cheios de modéstia e faltos de coragem, afirmar que “nada sabemos” ou coisa parecida. O Sócrates de Diógenes Laércio, encontrando Xenofonte e assumindo-se como mestre, apresenta uma descrição do modo como podemos compreender a tarefa do

7. Cf. Platão. *Apologia*, 21d, 23b, 33a.

professor em sua forma, diríamos, mais elementar ou básica: aquele que provoca no outro uma dificuldade a ser vencida e, o mais importante, se *responsabiliza* por ela. Esse Sócrates deveria nos ser mais caro, pois assume a condição e a tarefa de todos nós, que nos ocupamos de professar um saber diante dos outros.

Passemos agora a uma outra imagem, trazida, ainda, pelas *Vidas dos Filósofos Ilustres*. Um personagem aparentemente tresloucado, um *Sócrates ensandecido*,⁸ como foi chamado; um falsificador de dinheiro em sua terra natal, Sinope, atual norte da Turquia, que chega exilado em Atenas algum tempo após a morte de Sócrates. Estrangeiro na cidade, será também estrangeiro aos costumes da *pólis*, adulterando-os, depois de ter adulterado moedas: viverá em um barril, abandonará todos os bens, irá se adaptar a viver como vivem os cães, em auto-suficiência e irascíveis com os que os desagradam, escolhendo também um caminho estreito de completa *enkrateia* ou domínio-de-si:

Diógenes, filho do banqueiro Iquésios, nasceu em Sinope. Diclés revela que ele viveu no exílio porque seu pai, a quem fora confiado o dinheiro do Estado, adulterou a moeda. Entretanto, Ebulides, em seu livro sobre Diógenes, afirma que o próprio Diógenes agiu dessa maneira e foi forçado a deixar a terra natal com seu pai (...). Chegando a Atenas encontrou-se com Antístenes. Não havia quem quisesse segui-lo que este [Antístenes] não repelisse, mas o forçou [Diógenes] por sua insistência. E certa vez, quando [Antístenes] ergueu o bastão ameaçando-o, [Diógenes] baixou a cabeça: “Bate”, disse, “pois não encontrarás madeira tão dura que de ti me afaste enquanto pareças que tens algo a dizer”. Desde então, tornou-se seu ouvinte, e sendo um exilado, adotou um modo de vida simples.⁹

Temos aqui um outro encontro. Mas dessa vez os elementos do quadro aparecem deslocados em comparação com o anterior. Diógenes de Sinope é repellido por Antístenes,

8. D. L. VI, 2, 54.

9. D. L. VI, 2, 20-21.

este discípulo de Sócrates que tomou dele, antes de tudo, a disposição em se tornar senhor de si mesmo. Ora, o socrático que foi Antístenes não deseja, porém, ser mestre de Diógenes nem de ninguém, e no lugar de bloquear o caminho de um discípulo distraído, ele ameaça bater naquele que lhe reconhece a maestria. Ainda aqui, porém, tratamos de um impedimento e de uma chamada: o discípulo é testado em sua resistência e em sua vontade. Diógenes foi insistente, insistência que ao final tornou-o discípulo de Antístenes, mas também confirmou Antístenes como mestre. “Parece que tens algo a dizer”, insistia Diógenes, enquanto Antístenes o ameaçava com o bastão. “Dizer algo” é o que exige do mestre o discípulo, fazendo-o encarar seu dever: dizer, falar, indicar e modificar com essa palavra o rumo da vida do discípulo. Assim, continua o texto, Diógenes passa a ser ouvinte de Antístenes e adota um modo de vida simples. Nesse caso, não vemos um discípulo ignorante de si mesmo, mas, ao contrário, ansioso de um mestre capaz de dar a ele a palavra, o ensinamento ou a bastonada que for, por mais difícil que fosse. Diógenes passa no teste de sua rua estreita e tem a aprovação do mestre, que assim se constitui, pela insistência do discípulo. Porque também isso é verdade: quando se é mestre o discípulo aparece mas será preciso, muitas vezes, colocar à prova o discípulo, não tanto para se assegurar de suas qualidades, mas antes para que se possa ter certeza da própria maestria, dada pelo valor reiterado que lhe apresenta a atitude persistente de quem a busca. Temos então duas figuras: o mestre que impede e dificulta, forçando um novo caminho, o discípulo que insiste e persevera na ânsia por esse caminho diverso; o conhecimento de si como mestre, que encontramos em Sócrates, a certeza reiterada da condição de discípulo, que vemos em Diógenes; um discípulo nascido da *aporia* que lhe causa o mestre, com bastão e perguntas, o mestre que se constitui depois de tentar, com bastonadas, talvez com perguntas, afastar o discípulo irremovível.

Na figura do mestre ou do professor, temos a dificuldade, tão bem representada pelo bastão, que não é o báculo ou o cajado de um guia, mas o instrumento quase que de um opositor ou adversário. O mestre exemplar das duas histórias é o que provoca a perturbação, é quem encontra o discípulo no caminho estreito ou o coloca ali. Abandonam-se

as referências ao mestre que facilita ou nivela o caminho: ao contrário, deve-se esperar do mestre que se instaure nessa diferença essencial que o separa do discípulo e que dá origem aos dois polos da relação de maestria. Não há mestre e não há discípulo sem essa diferença assumida. Bem sabemos que os professores que hoje somos, com turmas e alunos que não escolheram estar diante de nós, mas ali estão obrigados pelas injunções, faz com que não tenhamos propriamente discípulos; mas toda a relação entre professor e aluno, se compreendida em seu caráter fundamental, aquele que indica um saber que se tem e uma ausência que se anseia reparar, revelará no fundo de sua descrição a presença e a configuração das imagens do mestre e do discípulo, ainda que veladas.

Há também, no outro polo, o discípulo não como aquele que recebe algo que lhe torna mais simples a vida: o ensinamento que Sócrates traz para Xenofonte afasta-o de seu caminho primeiro, é um problema que o confunde e atrapalha sua visão antes despreocupada acerca da virtude e da excelência. Se o encontro com o mestre modifica a vida do discípulo, o anseio por esse encontro faz o discípulo perfeito, representado aqui por um Diógenes insistente. Querer a dificuldade, buscar a mudança acarretada pela presença do outro, é desejar essa “conversão a nós mesmos”, o encontro no qual somos revelados pelo mestre, que se coloca não apenas distante o suficiente para que consigamos nos enxergar refletidos em suas palavras e ações, mas, também, *acima de nós*, uma superioridade – de autoconhecimento, de experiência, de saber – em que radica a possibilidade mesma dessa relação humana fundamental. O mestre como aquele que, idealmente, sabe o como e o porquê das dificuldades que impõe, e o discípulo, igualmente ideal, como aquele que reconhece sua necessidade de um mestre e a própria maestria nos dão, creio, a forma mais bem acabada dessa relação. O desafio imposto a nós, que somos – ou estamos em vias de ser – professores, mas também, muitas vezes, ansiosos discípulos, é responder se enxergamos a nós mesmos, de algum modo, nesses tipos ideais. Somos orgulhosos de nossos saberes? Somos conscientes do que nos falta e da necessidade do mestre? É a facilidade que oferecemos ou o caminho estreito? E nós mesmos queremos a facilidade e o caminho largo? Já encontramos alguma vez em nossas vidas um mestre? Já percebemos alguma vez as deficiências que nos fazem discípulos?

Podíamos terminar aqui, já que eu disse que iria tratar de duas figuras. Mas talvez tenha ficado de fora uma outra imagem, que parece não corresponder a nenhuma dessas outras duas, mas que nos fala também da maestria. Novamente, a vamos encontrar nas *Vidas* de Diógenes Laércio: é um encontro de Sócrates com outro discípulo, o mais famoso deles:

Conta-se que Sócrates viu em sonho um filhote de cisne em seus joelhos, cujas penas imediatamente cresceram, e que voou cantando um doce canto. No dia seguinte, quando Platão lhe foi apresentado, Sócrates disse que ele era o cisne do sonho.¹⁰

Aqui não há bastões, não há impedimentos, não há mesmo caminhos, pois a ave eleva-se no ar para cantar. Platão, todos sabemos, acompanhou Sócrates e fez dele o personagem principal de quase toda a sua obra, descrevendo-o como o mais perfeito dos homens, por exemplo, na *Carta Sétima* e no *Fédon*. Mas o mestre que Sócrates foi para Platão não teria provocado nele, se acreditarmos no sonho premonitório, nenhuma mudança de rota: ao contrário, permitiu que se desse o que havia de se dar. Com Platão, o sonho parece dizer, não havia que se fazer coisa alguma. Neste caso, foi outra a tarefa do mestre: a de perceber que, por vezes, é preciso se afastar. É certo que o mestre não é um bom mestre se o discípulo continua sempre discípulo, e tanto Xenofonte como Diógenes fizeram-se a si mesmos depois da intervenção de Sócrates. Mas, no caso de Platão, a maestria desse Sócrates que as *Vidas* nos dão surge como a percepção da grandeza – ou mesmo da superioridade – do discípulo, que nada pede que não seja acolhê-lo e deixá-lo *tornar-se o que ele é*,¹¹ tão poderosa sua natureza, cuidando apenas que possa voar e *cantar seu doce canto*. Talvez seja essa a mais alta manifestação da maestria, a de saber não mais falar, mas calar; não mais impedir e modificar, mas permitir que *pass*e um discípulo que avança sem necessidade de insistir.

10. D. L., III, 5.

11. Píndaro. Odes Píticas, II, 73: “Tal como aprendeste, torna-te o que tu és.” (*Genoi' hoios essi mathon*), na conhecida tradução que nos dá Werner Jaeger (1995) em sua *Paideia*.

Referências bibliográficas

- DIÓGENES LAÉRCIO. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1987.
- DIOGENES LAERTIUS. **Lives of Eminent Philosophers**. Transl. by R. D. Hicks. Harvard University Press, 1972.
- GUSDORF, Georges. **Professores, para quê?** Lisboa: Moraes Editora, 1970.
- JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do homem grego**. Trad. A. M. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Considerações Extemporâneas: Schopenhauer Educador. In: _____. **Obras Incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 81.
- PÍNDARO: **Odes**. Tradução, prólogo e notas de António de Castro Caiiro. Lisboa: Quetzal, 2010 (Col. Textos Clássicos).
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. Trad. Jaime Bruna. In: **Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Col. Os Pensadores).
- XENOFONTE. Memoráveis. In: **Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Col. Os Pensadores).
- XENOPHON. **Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology**. Trans. E. C. Marchant. Cambridge: Harvard University Press; Loeb Classical Library, 2013.